

**A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CANDELÁRIA DE ITU
A PINTURA E DOURAÇÃO INTERNAS ORIGINAIS E A REFORMA
DESCARACTERIZADORA DE SUA FACHADA**

Manoel Valente Barbas

***Resumo:** História da radical reforma da fachada da Igreja Matriz de Itu, SP, do final do século XVIII, descaracterizando a sua origem colonial barroca.*

***Abstrat:** History of the radical remodel of the front of the Matriz de Itu Church, SP, from the late 1700's, which obliterated its colonial baroque origin.*

Preâmbulo:

A Igreja Matriz da Cidade de Itu, SP, consagrada a Nossa Senhora da Candelária e posteriormente tombada no Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foi inaugurada em abril de 1780. O seu interior é de um dos mais belos e magníficos templos do País. Mas aqui queremos discorrer sobre a sua original pintura e douração e sua fachada que passou por uma radical reforma nos idos de 1888/89, infelizmente descaracterizando a sua origem colonial barroca, dando-lhe uma aparência neo-clássica que perdura até a atualidade.

Antes da sua inauguração, a Matriz da cidade era um pequeno templo de 1658 (Notas 1,2 e 3) que se situava no centro da atual praça principal da cidade, chamada então de Largo da Matriz. Itu ocupava importante posição entre os principais centros produtores do açúcar do País. A história da construção do novo templo é um belo exemplo do esforço e união de uma população em torno de um ideal, liderada por duas trincas de irmãos: de um lado os da família Ferraz e de outro os da família Aranha: os Ferrazes, sacerdotes, executores; os Aranhas, da sociedade, do governo.

A rica família Ferraz descendia do Sargento-mor Antônio Ferraz de Arruda, o Mucunã (Nota 4), que se tornou riquíssimo no seu empenho nas Minas de Cuiabá e Goiás e no seu engenho de açúcar, um dos maiores produtores da época. Seus três filhos, João, José e Antônio tornaram-se padres; o último, so-

mente depois de enfiar. O líder da construção da nova Matriz foi o primeiro deles, João Leite Ferraz de Arruda (Nota 5).

A família Aranha (Nota 6), descendente do rico comerciante e agricultor João da Costa Aranha, na época em que versa este artigo tinha três figuras de destaque na sociedade ituana, seus filhos: Vicente da Costa Taques Goes e Aranha, Capitão–Mor, chefe do governo; Manoel da Costa Aranha, vigário da cidade, chefe da igreja local; Maria Francisca Vieira (segunda deste nome – Nota 7), viúva do homem mais rico de Itu, Francisco Novaes de Magalhães.

Conta a tradição, muito chegada à lenda, que os três irmãos Ferraz tiveram na mesma noite um mesmo sonho que os levaram a idéia de construir a nova Matriz (Nota 8). O povo foi chamado a colaborar, transportando telhas da olaria existente no sítio do Padre João Leite Ferraz para a nova construção (ainda Notas 2 e 3). Era meia légua de distância que os moradores e clérigos, aos domingos e dias santificados, percorriam solidários, trazendo esse material de construção, como dignificante prova de amor à terra natal e de união de sentimentos religiosos. As paredes da novel igreja foram construídas de terra pedregulhosa pilada (Nota 9).

Muitas das publicações a respeito da inauguração desta Matriz declaram que foi presidida pelo vigário da cidade na época, o Padre Dr. em Cânones João Manuel Machado Caldeira. Este, no entanto, por estar muito idoso, cego, adoentado, sujeito a achaques, fora substituído pelo Padre Manoel da Costa Aranha, um dos três irmãos já citados acima. Esta substituição deu muita polêmica e troca de correspondência, inclusive com a rainha de Portugal, D. Maria I (Nota 10). O Padre afastado ficou com a designação de vigário colado e o novo com o título de vigário encomendado. Sob a gestão deste é que se deu a inauguração da nova Matriz.

Nesta inauguração, faltava ao templo a torre que somente foi construída em 1831, pelo Padre Elias do Monte Carmelo (Notas 1, 2, 3 e 11). Sobre esta torre voltaremos a comentar mais adiante. Nesta época, o mesmo padre fez construir o grande adro com degraus, na frente da igreja e outras melhorias (Nota 12). Houve uma re-inauguração em 1833 (ainda Nota 2). Em 1843 um raio danificou a torre da Igreja. Houve então nova reforma que terminou em 1844.

Em 1888, como o frontispício da Matriz estivesse apresentando perigo de desabamento houve a reforma de que fala o título deste artigo. O vigário de então, o Padre Miguel Corrêa Pacheco contratou para a citada reforma o Dr. Ramos de Azevedo (Nota 13).

A primeira pintura interna e douração dos ornamentos e talhas:

Recentemente, foi descoberto nos arquivos existentes em Itu um documento bastante interessante e esclarecedor sobre os primeiros anos de vida da Igreja Matriz da cidade (Nota 14), no que se refere à primeira pintura interna e à douração dos entalhes e ornamentos da Igreja Matriz de Itu. O feliz pesquisador a achar o precioso documento foi Luis Roberto De Francisco, pessoa de destaque no mundo cultural ituano, no campo da música e da história. Transcrevemos a seguir tal documento, sem antes alertar que de 1780 a 1786, embora já inaugurada há alguns anos, os ornamentos da referida Matriz estavam em processo de elaboração e acabamento até que fosse lavrado o seguinte documento:

Documento transcrito do livro de Registro do Tabelião da Vila de Itu, 1784-1787, Livro 2, p. 122 B a 123 B, pertencente ao Arquivo Central da Comarca de Itu, preservado no Museu e Arquivo Histórico Municipal de Itu – MAHMI

Escritura de ajuste que faz d. Maria Francisca Vieira com Joze Patrício da Silva Manço para o douramento e pintura da Matriz desta villa.

Saibam quantos este publico instrumento, de ajuste de contrato, e obrigação virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Christo de mil e settecentos e oitenta e seis aos vinte e oito dias do mês de Novembro de mil settecentos dias de Novembro do dito anno [sic] nesta villa de Nossa Senhora da Candellaria de Itu, em cazas de moradas de Dona Maria Francisca Vieira onde eu Tabeliam adiante nomeado fui vindo para effeito declarado presente instrumento e sendo ajustarem as presentes partes entre si havidas e contratadas a saber, a dita Dona Maria Francisca Vieira e José Patrício da Silva Manço moradores desta vila e reconhecidos de mim pellos próprios de que dou fé e por aquella me foi dito em prezença das testemunhas adiante nomeadas e assignadas, em prezença destas e bem do Reverendo Doutor vigário da Nova Matriz desta villa que sem embargo desse velho já ajustado em outro tempo com Joze Duarte do Rego o douramento e pintura da Matriz desta mesma villa, sediada que ajustada e agraciada por novo contrato com José Patrício Manço não supor que sendo aquella pintura obra publica dada Matriz deste povo se não satisfazia elle com a obra de Joze Duarte pella inspiração e falta de conhecimento da arte como também porque o Excellentissimo e Reverendíssimo Senhor Bispo Diocezano por carta escrita ao Reverendo Doutor Vigário desta villa determinava que se desse a obra a Joze Patrício e não a Joze Duarte por ser aquele melhor artífice na verdade e por todos havido, e reputado por tal eu que por ser obra da Igreja a ella privativamente pertencia a eleição do artífice e muito mais porque há acordo dado a dita Dona Maria Francisca Vieira a sua esmola a Nossa Senhora Candellaria Padroeira desta villa não lhe competia outra coiza mais e do sim a eleição do artífice a ele Excellentissimo Prelado e por ser vontade sua e elle assim o manda dejustarem novamente a mesma obra que se onde as circunstancias ponderadas havia de antes contratado com o dito Joze Duarte ficando abolido por esta escritura aquelle primeiro ajuste e desta sorte ajustava com o dito Joze Patrício as obras seguintes o retábulo do altar

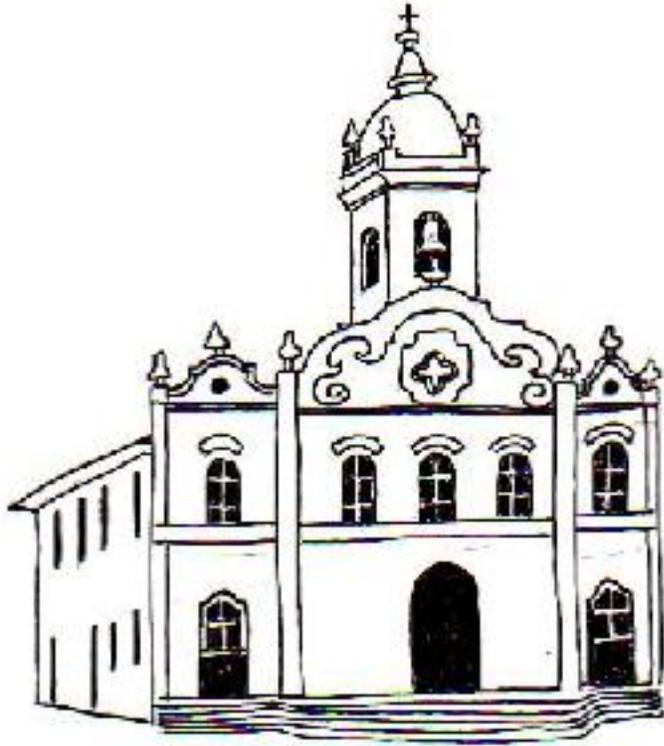
mor, com sua tribuna, camarim desta e banquetta, com todo o oiro precizo nas talhas e morduras e nas partes onde não levasse ouro com tintas finas, a pedras fíngidas o mais perfeito que puder fazer, o forro da capela mor, a olio e com as melhores pinturas e no meio um painel do Mistério da Purificação, assim mais a semalha tal e seis tribunas da dita capella mor com frisos e molduras e talhas douradas assim mais o arco da dita capela mor e com todas as molduras douradas e pedras fíngidas os dous púlpitos da dita igreja com toda talha dourada e pedras fíngidas como também o Presbitério tingido de pedras tudo por presso de seis mil cruzados, dos quais já havia recebido três mil cruzados Joze Duarte para oiro, tintas e mais preparos da dita obra e este oiro tintas e preparos havia recebido a sobre o dito Joze Patrício na conta de seis mil cruzados o que faltava para a satisfação de todos ... seos legados ... ella ... na mesma escritura a satisfazer nos seis desta mesma a mesma obra por seos beins ao que tudo respondeu o dito Joze Patrício que aceitava a obra e que estava contente com o ajuste e condicoins retro declaradas e se obriga por si a fazer tudo quanto se havia contratado em mais breve tempo que pudesse ser, e se por algum incidente houvesse falta ou retardação da mesma obra por sua culpa se meteria outro official a sua custa como também se falecesse satisfaria se seus beins os três mil cruzados que recebia no oiro tintas e mais preparos, e por ambos me foi dito que se nesta faltasse alguas clauzulas dessem dereito necessarios a que as haviam todas por expressas e declaradas como se de cada huma ellas fizessem a mais expressa, declarada menção e de como assim o disseram e otorgarão me pedirão lhes lavrasse esta escritura nesta nota, ele como pessoa que de obrigação opulante a sentença e ex tos colis em nome de quem mais por Direito tocar possa e sendo lhes por mim lida e aseitado à assignarão com as testemunhas o Capitam mor Vicente da Costa Taques Góes e Aranha e Manuel Pinto Ferraz, e pela dita Dona Maria Francisca Vieira, não saber escrever assignou a seu rogo o Reverendo Doutor Vigario da Nova Matriz Manuel da Costa Aranha todos moradores desta villa, e reconhecidos de mim Vicente da Silva Bueno Tabeliam que o escrevi

*Assigno a rogo de D. Ma. Francisca Manuel da Costa Aranha
Joze Patrício da Silva Manso
Vicente da Costa Taq. Góes e Aranha
Manoel Pinto Ferraz*

Conclui-se, pela leitura do documento acima, que:

- a) A transação ali descrita, tendo sido feita em 1786, encontrou Francisco Novaes de Magalhães recém falecido (1785), estando a viúva e filhos de posse da maior fortuna de Itu (ainda Nota 6) . É interessante este testemunho histórico de como eram financiadas as intervenções artísticas e as douraões fabulosas da época, nas Igrejas, por fortunas particulares, fruto de uma devoção aparentemente sem interesse material de volta.

- b) O documento confirma que o Padre Manoel da Costa Aranha, irmão da contratante, era o vigário da Nova Matriz da cidade;
- c) Que já havia um artesão que por falta de inspiração (cremos) e de conhecimento da arte deixa de ser o contratado, como diz o documento. Esse artesão era José Duarte do Rego irmão de dois genros da contratante (Nota 15).
- d) José Patrício da Silva Manso seria o novo artesão. Fora contratado por apresentação do Bispo Diocesano, através de carta ao Vigário, por ser melhor e mais celebrado que o primeiro. Aqui o documento é extremamente confuso quanto à destituição do primeiro, fazendo até crer-se que havia algum motivo pouco confessável para tal. Há dúvidas sobre a procedência de Silva Manso, se de Santos ou de Minas Gerais. A Revista “Arte no Brasil”, nº 14, Abril Cultural, S. Paulo, 1979, diz, certamente enganada, que as obras em Itu se deram entre 1780 e 1784, o que contradiz o contrato transcrito acima, que é de 1786. Informa também a morte trágica desse artista, assassinado, em Campinas, em 1801, por um carpinteiro a quem maltratara (Nota 16)
- e) A descrição do escopo do contrato é historicamente rica, por ser detalhista, não deixando dúvidas sobre que partes da Igreja Silva Manso teve ação: a) Retábulo do altar mor, com sua tribuna, camarim e banquetas; b) o forro da capela mor, com um painel do Mistério da Purificação; c) seis tribunas da capela mor; d) dois púlpitos; e) presbitério; f) arco da capela. Especificações do trabalho: a) usar todo o ouro preciso nas talhas e molduras; b) nas partes que não levasse ouro, usar tintas finas; c) pintar as pedras fingidas o mais perfeitamente possível. Com essa descrição minuciosa, até o dia de hoje se pode rastrear o campo de trabalho de José Patrício. Pena que houve interferência no seu trabalho, na reforma de 1888.
- f) Preço do serviço contratado: 6.000 cruzados (Nota 17).
- g) Testemunhas da contratação: a família Aranha em peso: o Vigário Manuel da Costa Aranha, irmão da contratante; o Capitão Mor de Itu, Vicente da Costa Taques Góes e Aranha (irmão), Manoel Pinto Ferraz (genro).



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária de Itu
Traçado na inauguração em 1780 com os acréscimos de 1831



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária de Itu
Traçado da fachada após a reforma de 1888/89

A reforma de 1888/1889:

No desenho nº 1, deste artigo, fizemos constar, em breves traços, um croquis da Igreja Matriz Nossa Senhora da Candelária de Itu, SP, inaugurada em abril de 1780, com o acréscimos da torre e do adro, de 1831, e da reforma de 1843 (Nota 18). Percebe-se desde logo a jóia arquitetônica colonial/barroca que era essa fachada. Imagina-se o enorme valor arquitetônico que teria se fosse conservada até os dias de hoje. Seria rival, no Estado de São Paulo, das consagradas Igrejas de São Miguel Paulista, Cotia, Embu etc. Mas, infelizmente, malgrado ter sido produzida pela inegável competência do escritório do arquiteto Ramos de Azevedo, essa reforma modificou completamente a referida fachada

para um estilo neo-clássico, muito em moda no final do século XIX e início do XX. A influência de Paris, trazida por Ramos de Azevedo, fez com que a fachada deste templo fosse transfigurada tanto em estilo como em dimensões, apagando uma das mais expressivas imagens coloniais da terra ituana.

Senão, vejamos:

No desenho nº 2, aparece o croquis da atual fachada da Matriz de Nossa Senhora da Candelária de Itu (Nota 19). Chamamos a atenção, a seguir, para os diversos pontos em que foram introduzidas modificações na citada reforma, comparando este croquis com o de nº 1, e os prejuízos estéticos/artísticos daí advindos.

1 – Largura da fachada: A fachada original era mais larga do que a atual, dando mais peso e presença à construção. Acontece que a razão para a reforma de 1888 foi que a fachada da Matriz estava ameaçando ruir. Apesar de ter-se passado um século e tanto, é fácil entender a razão dessa depreciação. Observe-se que a original tinha abas laterais falsas, isto é, havia de cada lado uma parte da fachada que não tinha correspondente no corpo da construção. Percebe-se este fato comparando-se os dois croquis, que por sua vez foram tirados de duas fotografias obtidas do objeto real, em épocas diferentes (Notas 18 e 19). No primeiro, o telhado da fachada lateral mal aparece no desenho; no segundo a aba de telhas está mais proeminente (Nota 20). Esse tipo de fachada falsa tem dois inconvenientes: 1) Sofre a ação das intempéries nas duas faces da parede, o que diminui grandemente o tempo da sua duração; essa parede se sustentando sozinha, sem apoio em nenhuma de três margens é menos resistente a abalos, choques, erosões. 2) A emenda da parede falsa com a fachada propriamente dita é um ponto frágil à ação do tempo. O que fez Ramos de Azevedo? Cortou mais de meio metro da largura de cada lado da fachada, acabando com essas partes falsas. Diminuiu-a, no total, de cerca de um metro a um metro e meio, nessa dimensão. Isso colaborou para a impressão de que temos atualmente da igreja ser mais vertical do que horizontal, mais leve do que era. E uma das características das igrejas coloniais é o seu peso, de serem mais fortes, mais agarradas aos alicerces que as mais modernas.

2 – Empenas cegas laterais: Outro passo imperdoável dado a essas abas laterais foi a supressão de suas portas e janelas, tornando-as empenas cegas, despidas dos seus ornatos coloniais de arremate superior. Tornaram-se sem graça, simples dois retângulos, lisos, insípidos, secos.

3 – Parte central da fachada: Esta parte e a torre da Igreja foram as que mais sofreram transformação na referida reforma. Embora a porta principal e as 3 janelas fossem mantidas na mesma posição, os desenhos foram completamente modificados. Um caráter neo-clássico, parisiense, foi introduzido pelos:

a) **Ornatos:** Colunas greco-romanas em número de quatro, enquadrando a porta principal e mais quatro, a janela que a encima; frisos horizontais em toda a fachada central (e também nas abas laterais), indefectíveis em todas obras de Ramos de Azevedo e nas neo-clássicas em geral (nota 20); nichos com pequenas estátuas, laterais à porta principal; triângulos arquitetônicos greco-romanos que aparecem em todas as construções neoclássicas, encimando a porta principal da Igreja e os nichos laterais a ela; ornamentos requintados sobre a porta e janelas, em estilo neo-clássico, substituindo os originais mais singelos e autênticos à época em que foram originalmente aplicados. .

b) **Esquadrias das portas e janelas:** trocadas, por certo, devido ao estado de desgaste das antigas, mas descaracterizando o estilo barroco original, embora conservando o seu formato e posição. A parte inferior destas janelas foram dotadas de colonatas greco-romanas, como arremate.

4 – Parte superior da fachada: Foram retirados dali as volutas de arremate (tão características do estilo colonial/barroco), o óculo de ventilação do telhado (então, ao que parece já obturado por um relógio - ainda Nota 12) e os ornamentos que encimavam os reforços verticais das paredes, marcos sólidos geométricos, piramidais, em número de seis, 2 na parte central e 4 nas abas laterais. Em seu lugar foram postos, encimando a porta e janela centrais um quadrado ladeados por duas colunas greco-romanas de cada lado, com um relógio circular, no centro; sobre as janelas laterais, paredes decrescente do centro para as extremidades, enfeitadas por um renque de colunas greco-romanas também decrescentes . Sobre os pilares que encimam os reforços verticais da fachada, uma de cada lado, estátuas de santos. Sobre o quadrado central, onde se encontra o relógio, encima de pilares, uma de cada lado, duas estatuas de anjos. Essas obras estatuárias não são muito comuns nas fachadas das igrejas barrocas, como pode ser constatado no livro indicado na Nota 21. O que eram muito usados eram os marcos sólidos, em forma piramidal, como na fachada original da Matriz.

5 – A torre da Igreja: Um dos fatores de maior descaracterização do estilo colonial/barroco (Nota 22) foi a substituição da torre da Matriz, que era de seção quadrada, por uma torre de seção octogonal, com 8 aberturas, uma para cada face. Em cada das 8 arestas, colunas greco-romanas. Encimando tal torre, também uma cúpula semi-esférica, e acima outra pequena torre, encimada por sua vez com uma cruz. O conjunto está posto sobre um pedestal de mesmo formato octogonal e pequena altura, com 2 janelas retangulares em cada face. Este estilo de torre mostra a influência européia do escritório Ramos de Azevedo, assemelhando-se às torres góticas daquela região.

6 – Aparência externa das duas versões: Embora as duas versões de fachada e torre sejam da mesma altura (Nota 23), a nova versão parece mais leve, esguia e

alta que a anterior, devido ao estreitamento da fachada, sendo a torre mais delgada e com mais aberturas que a anterior.

Conclusão: Seria o ideal se a aparência externa da Matriz de N^a Sra da Candelária de Itu, SP, fosse compatível com o seu interior que é um dos mais belos templos católicos em estilo colonial/barroco do Estado e do País. Infelizmente, a reforma de 1888/89 a descaracterizou, roubando parte do impacto cultural/artístico que têm certas Igrejas ao vê-las, como as de Minas Gerais, especialmente as de Ouro Preto, por exemplo. Roubou-lhe a atmosfera de século XVIII que felizmente o interior do templo ainda nos oferece.

Notas referenciais:

Nota 1: ALMANACH HISTORICO - BIOGRAPHICO E INDICATIVO DA COMARCA DE YTU, PARA O ANO DE 1910, Editor – José de Andrade Pessoa, 1909, pág. 89.

Nota 2: FRANCISCO NARDY FILHO, “A CIDADE DE ITU”, volume I^o - “Histórico da sua fundação e dos seus principaes monumentos”, S. Paulo, 1928.

Nota 3: FRANCISCO NARDY FILHO, “A CIDADE DE ITU”, volume III^o - “Crônicas Históricas”, São Paulo, 1950.

Nota 4: Mucunã, palavra do tupi-guarani, é o nome dado a uma trepadeira, leguminosa, parasita de árvores e cuja favas, embora venenosas, eram comidas pelos indígenas. As vagens, recobertas de pelos, dá coceira em quem as toca. Nardy Filho, em sua obra (ver Nota 3) diz que o apelido de Mucunã era devido à fortuna do sargento-Mor Antônio Ferraz de Arruda, que dava comichão nas pessoas de vontade de tê-la. Não acreditamos que fosse esse o significado. Apesar de decorridos séculos, pode-se concluir que o apelido não era muito elogioso, mas caracterizador: “*convive-se, engole-se, mas causa desconforto!*”. Como a pimenta, atualmente, na nossa opinião, ou a urtiga que não é comestível, mas causa preocupação.

Nota 5: A família Ferraz, ao que parece, era ciosa de sua posição de destaque na sociedade e política ituana. O Capitão-General de São Paulo de então, Martim Lobo de Saldanha, cheio de rancores e mágoas, de certa feita, escreveu para a Casa Real de Portugal dizendo que o Padre João Leite Ferraz de Arruda era “*de gênio revoltoso, intrigante, pelo que julga ser de bom aviso que se lhe mande fora de Itu, na distância não menos de trinta léguas, com proibição de voltar a*

ela” (30 léguas = 180 quilômetros!). O processo onde aparece essa assertiva do Capitão-General era o de nomeação do Padre Manoel da Costa Aranha para vigário de Itu, indicado pelo influente Padre João Leite Ferraz, o que mostra serem estes dois últimos do mesmo círculo político. Para maiores detalhes do caso, ver (Nota 6), a seguir, pág.148.

Nota 6: REVISTA ASBRAP nº 6, 1999, pág. 139, artigo deste autor: “A família Aranha na Vila de Itu do século XVIII e início do XIX”.

Nota 7: Maria Francisca Vieira (segunda deste nome) não portava o sobrenome Aranha de seu pai, seguindo a tradição portuguesa de adotar o da mãe, que aliás tinha o mesmo completo nome que ela. Para maiores dados biográficos desta rica senhora, ver artigo do autor na REVISTA ASBRAP nº 7, “Uma família ituana através dos séculos”, pág. 133.

Nota 8: Conta Francisco Nardy Filho (ver Nota 3) que o sonho tido pelos três irmãos, na mesma noite, era que um deles, o Padre João Leite Ferraz, havia morrido e, arrastado por um bando de demônios, fora condenado às penas eternas do inferno. Os três irmãos tomaram esse sonho como um aviso do Céu. Cumpre lembrar que a vida do Padre João Leite Ferraz não estava sendo das mais exemplares. Isso o levou a prometer à Nossa Senhora da Candelária uma vida reta daí para frente e a construção de uma nova Matriz a ela dedicada.

Nota 9: O Padre João Leite Ferraz contratou José de Barros Dias, de Sorocaba, pela quantia de 600\$000, para a construção das paredes do templo. Ele veio de sua terra natal trazendo o que era necessário para a tarefa: escravos, bois e carros (ver nota 2, acima).

Nota 10: Francisco Nardy Filho, no livro da Nota 2, comete duplo engano, dizendo que a inauguração da Matriz de Itu foi presidida pelo vigário colado José do Rego Castanho, quando quis dizer João Manuel Machado Caldeira, vigário colado da época. José do Rego Castanho só veio a ser vigário de Itu de 1793 a 1811. O volume III, página 24 (Nota 3) decorre sobre o processo da troca de vigários de Itu, em 1777. Na realidade (outro engano), a inauguração deu-se sob a direção do Padre Manuel da Costa Aranha, vigário encomendado da Paróquia, na época. Acontece que, em 1777, estando o Vigário João Manuel Machado Caldeira impossibilitado por doença de exercer suas funções pediu ao Bispo a sua substituição. A origem da polêmica criada foi que indicou para o seu lugar o Padre Ângelo Paes de Almeida. No entanto, em lugar deste, o Bispo deu-lhe o Padre Manuel da Costa Aranha como vigário auxiliar. O velho sentiu-se desprestigiado e vítima da interferência da prepotente família Ferraz. Apela à rainha de Portugal (Nardy, enganando-se mais uma vez, fala em el-rei, mas na realidade este falecera em fevereiro de 1777). D. Maria I pede informações do Capitão-General de São Paulo, Martim Lopes, e do Bispo, na época, D. Frei Manuel da Ressurreição. Martins Lopes responde à Rainha, afirmando que fora ele quem

nomeara o novo vigário-auxiliar Manuel da Costa Aranha e quanto à família Ferraz era respeitável mas faz a crítica ao Padre João Leite Ferraz que já citamos na Nota 5. Por sua vez o Bispo dá à rainha ótimas referências do Padre Manuel da Costa Aranha dizendo que ele é *“muito douto, zeloso, bom pregador e com qualidades de perfeito sacerdote e que já vinha exercendo o cargo de vigário da vara”*. Quanto ao outro candidato (do vigário) era este, apesar de ser também apreciável, muito enfermo.

Nota 11: ELIAS DO MONTE CARMELO, ele mesmo notável, era filho de uma das pessoas mais debatidas e míticas da história de Itu: o Padre Jesuíno do Monte Carmelo, nascido Jesuíno Francisco de Paula Gusmão. Há uma biografia deste Padre escrita pelo grande paulista, escritor, musicólogo, historiador, Mário de Andrade (ver *“PADRE JESUÍNO DE MONTE CARMELO”*, de Mário de Andrade, Rio de Janeiro, 1945). Jesuíno, em 1780, vindo muito jovem, aprendiz, de Santos, SP, passando pela Capital, embora mestiço e bastardo, pertencia à família do Padre Voador, Bartolomeu de Gusmão, e do famoso embaixador Alexandre de Gusmão. Casou-se e teve filhos quando de sua estada em Itu. Ainda muito imaturo ajudou na pintura da Matriz, nos seus primeiros anos, tornando-se depois o autor de várias pinturas sacras ainda existente naquela Igreja. Seu estilo autodidata, primitivo, ingênuo, muito colorido, marcante, falho na perspectiva, encantou Mário de Andrade, grande conhecedor da matéria. Ao enviivar, em 1793, resolveu tornar-se sacerdote. Teve que lutar com o preconceito contra a sua cor. Os carmelitas se opuseram a recebê-lo. Perseverando, conseguiu o seu intento somente em 1797. O Capitão-Mor Vicente da Costa Taques Góes e Aranha, severo, honesto e destemido, permitiu-se cometer falso testemunho, por admiração e respeito a Jesuíno, pois o declarou de raça branca, quando na realidade o postulante era pardo, filho de uma ex-escrava. Isso aconteceu em recenseamento dos que anualmente se faziam, na época, por ordem do governo, segundo os *“ANAIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL”*, vol. IV, 1943 – Imprensa Nacional, Rio de Janeiro. 1947. Um feito artístico do referido Jesuíno do Monte Carmelo foi uma pintura no teto da Igreja do Carmo de Itu, onde aparece uma tríade de lindos anjinhos (ornados com flores), entre eles um de cor negra, o que na época da escravidão poderia ser tido como acinte, mas que queria afirmar corajosamente que os negros também alcançariam o céu. Os seus filhos seguiram o exemplo do pai, tornando-se padres. Este Elias do Monte Carmelo foi um dos fundadores, junto a seu pai, da Congregação dos Padres do Patrocínio, que muito deu o que falar em Itu, da qual pertenceu o famoso Padre Diogo Feijó, em seus anos de início de sacerdócio, dados depois de sua ordenação em 1809 (ver *“FEIJÓ, UM PAULISTA VELHO”*, de LUIZ NOVELLI JÚNIOR, Edições GRD, Rio de Janeiro, 1963, págs 44 a 49). Uma filha de Maria Francisca Vieira, Izabel, foi a madrinha, em 1793, de um dos filhos de Jesuíno, Simão Stock, que veio também a ser sacerdote, a cargo de quem esteve a inaugu-

ração da igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, construída por seu pai, na época, já falecido.

Nota 12: O almanaque da Nota 1 diz, no rodapé da pág. 90, que “em 1833 foi inaugurada a Matriz completamente restaurada, sendo dotada de novos sinos, relógio, cibório de ouro para o sacramento e seis lustres para o corpo da igreja”. Acreditamos, porém, que haja dúvida quanto à informação sobre o relógio, pois a foto que o mesmo almanaque mostra, certamente posterior à data de 1833, traz no frontispício da igreja um ornamento arquitetônico muito comum nas igrejas barrocas que é um óculo, abertura para entrada de ar, de bordas em quatro pétalas, geralmente no confinamento entre o telhado e o forro da construção. Como a foto citada é de tamanho reduzido, sem muita nitidez, não se pode divisar, propriamente, a existência de um relógio inserido nesse bocal. Na dúvida, não o fizemos constar no desenho nº 1. Na pintura já citada do azulejo no saguão da entrada do **Museu Republicano Convenção de Itu**, o artista (Luiz Antônio Gagni) não fez constar esse relógio, embora baseado na mesma fotografia, talvez por não estar a par da relação de melhorias da reforma ora tratada.

Nota 13: FRANCISCO DE PAULA RAMOS DE AZEVEDO: Nasceu em São Paulo, em 8 de dezembro de 1851; cresceu em Campinas. Fez curso preparatório para militar, carreira que não levou adiante. Em 1872, começou a trabalhar nas obras de construção de estradas de ferro. Estudou na Universidade de Gand, na Bélgica; de início, matriculou-se no curso de Engenharia Civil e logo em seguida, no curso de Matemática e Arquitetura. Foi aluno destacado, com desenhos expostos em Exposição Internacional de Paris. Quando voltou ao Brasil se fixou em Campinas, SP, onde constituiu escritório de arquitetura. Doutrinado pelas artes e técnicas francesas, introduziu no país tendências que romperam com as tradicionais soluções ibéricas da construção, tais como a nossa arquitetura colonial, acentuadamente barroca. Utilizou usualmente em suas construções materiais importados. Em 1880, dedicou-se à construção da Matriz de Campinas; talvez tenha sido este seu trabalho que levou os ituanos a se lembrarem dele para a reforma da fachada da Igreja Matriz da cidade. Dada a carência de mão de obra para as suas construções sofisticadas motivou-se a apoiar a criação da Escola Politécnica e do Liceu de Artes e Ofício de São Paulo. Seu Escritório de São Paulo, organizado em 1907, é responsável pelo projeto e construção de inúmeros edifícios públicos e residências da capital paulista. Isso não quer dizer que ele pessoalmente tenha projetado esses edifícios e residências, como muitos pensam e divulgam. Contam testemunhas da época que ele fazia questão de assinar todos os projetos do Escritório, embora não fossem quase todos de sua lavra. Morreu de pneumonia, em 1928.

Nota 14: Há no problema de pesquisa histórica uma série de fatores de interesse, a saber: **1) A qualidade e quantidade de documentos existentes sobre determinada matéria:** Neste caso, Itu está em uma situação privilegiada. São abun-

dantes os documentos que podem ser consultados na cidade, de muito interesse, dado o papel que Itu tem na história geral do Estado e do País. **2) Pesquisadores:** Pessoas interessadas em achar documentos e informações sobre assuntos direta ou indiretamente relacionadas a sua pessoa, a sua família, a sua cidade, a seu grupo social. Infelizmente esse ponto é educacional/cultural e não é muito encontrado no País; 3 - **Motivação para a pesquisa:** é importante ter-se uma razão, um chamamento, um interesse específico por determinado assunto ou matéria que faça o pesquisador se mover em direção à uma pesquisa concentrada, tornando-a eficaz.

Nota 15: Que o artesão José Duarte do Rego era irmão de dois genros de Maria Francisca Vieira (segunda deste nome), se pode ver na “Genealogia Paulistana”, de Silva Leme, Vol. 3º, itens 3-1, 4-2, 4-3, págs 493 e 494 e item 5-5, 5-6, 5-7, págs. 347 e 348, do mesmo volume.

Nota 16 – O genealogista e historiador Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, sempre bem informado, nos dá notícias sobre o inventário de José Patrício da Silva Manso, nos seguintes termos: “*Por morte do pintor José Patrício da Silva Manso se fez auto de inventário em 12 de julho de 1801 na cidade de São Paulo, sendo declarante a viúva Ângela Maria do Nascimento, que declarou que seu marido falecera em 20 de junho do corrente ano, e que tiveram 4 filhos, a saber: Ana, de 14 anos, Antônio, de 10, Maria, de 7 e João, de 5 anos de idade*”. Fonte: Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (bairro do Ipiranga), 1º Ofício, processo nº 1.528”.

Nota 17: Para se ter idéia do peso da douração no restante dos custos da construção de uma Igreja, basta citar que na reforma de 1888/89, o douramento (que se conclui não ter sido tão dispendioso por ter sido somente uma restauração do antigo) e o marmoramento (pedras fingidas, como diz o contrato acima) custaram 12:000\$000 + 4:5000,00, quando o órgão custou 15:000,00, o relógio 5:000\$000, os sinos 4:691\$000, a reconstrução da torre e do frontispício 45:000\$000 (dados tirados os Almanaque da Nota 1).

Nota 18: O croquis da figura nº 1 foi baseado na foto que está estampada no Almanaque da nota 1, acima. É uma preciosa e rara foto da Matriz, feita antes da reforma de 1889. Há outro testemunho das feições externas antigas desta Igreja, pintada em um dos azulejos da entrada do Museu Republicano de Itu. Mas nessa pintura, que deve ter sido baseada na mesma foto aqui comentada, traz a liberdade dos traços do autor, ao passo de que a fidelidade da foto é indiscutível. Nesta, a máquina foi posta bem à esquerda do templo, daí a perspectiva tornar a aba lateral direita da fachada um pouco menor que a da esquerda, deformação ótica que conservamos no desenho, para não descaracterizar a imagem histórica; o mesmo acontece com a reprodução do “Museu da Republicano”. E por falar neste, há ainda no saguão de entrada, um outro quadro em azulejos, representan-

do a construção de 1780. Affonso de E. Taunay, em seu “Guia do Museu Republicano “Convenção de Itu”, Departamento Estadual de Informações, 1946, o descreve: “*O painel representa a matriz em construção adeantada com andaimes fixos às taipas nos diversos cavodás (orifícios de suportaçã de andaimes nas paredes de taipa). Vem chegando a procissão dos portadores de materiais a cuja testa marcha o Padre João Leite a carregar uma pilha de telhas. Homens e mulheres acham-se na praça fronteira à matriz e ao longo da parede lateral da rua do Carmo. No último plano vê-se um carro de bois*”*Dimensões: Alt. 1,35 m; larg. 0,90 m.* Por outro lado, a Revista “Nossa História”, Editora “Vera Cruz”, ano 3, nº 25, novembro 2005, comete o mesmo engano, ao apresentar na pág. 84 uma foto da referida Matriz, dizendo ser ela “*exemplo do barroco paulista*”, sem citar que isso acontece com o interior do templo e não com a fachada que é neo-clássica, com suas colunas greco-romanas, suas obras estatuárias, seus triângulos arquitetônicos (“*frontões*”) e sua torre oitavada.

Nota 19: O croquis nº 2 foi baseado em um sem número de fotos atuais da Igreja Matriz, muito divulgada em inúmeras publicações tais como gravuras, livros e revistas (inclusive no Almanaque da Nota 1), dada a importância arquitetônica e histórica do Templo.

Nota 20: Acima de qualquer argumento sobre a diminuição da largura da fachada em foco, provocada pela reforma do Escritório de Ramos de Azevedo, está o da medida geométrica do retângulo formado por essas fachadas do templo, nas duas épocas diferentes: antes, a largura desse retângulo era aproximadamente 1,65 da altura; depois, 1,45 (levando-se em conta que a altura permaneceu a mesma), prova cabal da sua diminuição, em planta. Está claro que essas proporções são aproximadas, devido a certa imprecisão introduzida pelas fotos, decorrente da posição do fotografo, perspectivas etc. Mas é patente a diminuição referida. Notar que no desenho nº 2, mantivemos a mesma dimensão do retângulo central do de nº 1, onde está a porta principal da Igreja, para melhor comparação entre as duas imagens do templo. Chega-se à conclusão que esteticamente a Igreja diminuiu a sua presença; tornou-se mais elegante, é bem verdade, mas frágil, menos autêntica, menos histórica, menos brasileira.

Nota 21: O historiador Scarpin Angelo Zini, em seu livro “A Grande História da Grande Itu”, Itu, 1995, à pág. 188, cometeu um grande lapso: escreveu embaixo de uma reprodução da imagem atual da Matriz da Candelária, aliás primorosamente reproduzida por C. R. Gírio/94: “*Imponente fachada, em estilo barroco da Matriz de N. S. da Candelária*”... Acontece que o estilo impresso pela reforma de Ramos de Azevedo a tornou neo-clássica, desfigurando o estilo anterior. Inegavelmente, o interior da Igreja é um dos mais belos templos barrocos do País, mas, infelizmente, a fachada deixou de sê-lo.

Nota 22: Esmagadoramente, o tipo mais freqüente que existe de torre de Igreja Colonial no Brasil é a de seção quadrada, com aberturas em 4 janelas, encimadas estas por arcos romanos, uma em cada face. Basta dizer que no livro “As Mais Belas Igrejas do Brasil”, Metalivros, 1999, dos 64 templos ali apresentados, a maioria coloniais, somente 6 tem as suas torres de seção circular, as demais quadradas (com 4 aberturas, cada qual em uma das faces do prisma). Mesmo as de seção circular tem 4 janelas, em oposição, duas a duas. Destas 6, três são de desenho de Antônio Francisco Lisboa, o “Aleijadinho”, que parece ter tido predileção por essa forma de torre. Ironicamente, a capa do citado livro, apresenta uma Igreja com torres de seção circular!

Nota 23: Nas duas fotos antigas que temos da Matriz de Itu, em épocas diferentes, aparece, lateralmente a ela, do outro lado da rua do Carmo, que hoje se chama Barão de Itaim, o palacete dos Pereira Mendes, antigo solar da Baronesa de Piracicaba (viúva do Brigadeiro Luiz Antônio que deu seu nome à famosa avenida da capital paulista). A altura deste palacete serve de padrão para se comparar a altura da Igreja antes e depois da reforma em pauta, pois o casarão não foi modificado nesse passar de um século. Se medirmos, nas fotos, as alturas dos dois edifícios, antes e depois da reforma de 1888/89, a relação entre elas fica praticamente constante.



Pintura de Jesuíno do Monte Carmelo, no teto da Igreja do Carmo de Itu, SP, onde aparece um anjo negro, que na época da escravidão poderia ser tido como acinte, mas que queria afirmar corajosamente que os negros também alcançariam o céu.